

EDITORIAL

Práticas artísticas LGBTI+ para uma educação dissidente

Ao recebermos o convite da Jocielle Lampert e do Fábio Wosniak para organização desse dossiê vimos a oportunidade para ampliar o debate sobre um tema que pouco tem sido explorado no âmbito da Arte Educação contemporânea no Brasil e em diferentes países sejam ocidentais ou não. O dossiê se propôs a reunir pensadoras e pensadores que analisam as práticas artísticas LGBTI+ nas artes visuais, compreendendo desde a pintura até a *performance*, portanto, não elegendo uma linguagem que se constitua como única expressão dos modos de pensar/criar das(os) artistas LGBTI+. Entendemos que estas práticas artísticas são realizadas em lugares e tempos por artistas dissidentes sexuais e de gênero, orientadas(os) por diferentes abordagens que desarticulam, tensionam e provocam um debate sobre as relações entre arte e dissidências sexuais e de gênero, arte e política, arte e vida.

Outro objetivo era visibilizar como estas práticas artísticas estão entrando nos contextos educativos formais e informais a partir das iniciativas de professoras e professores dissidentes sexuais e de gênero e como pensam a partir das práticas artísticas LGBTI+ uma educação dissidente, uma arte educação dissidente. Portanto, potencializar a prática das artes e seu impacto na prática educacional estabelecendo um paralelismo entre diferentes práticas, uma vez que a(o) professora(or) de artes visuais também é um artista, de modo que seu “trabalho artístico” transcende as fronteiras dos espaços de arte tradicionais (museus, galerias) para transformar salas de aula em verdadeiros espaços de pesquisa artística.

Embora nosso pensamento tenha se voltado para esse tema, sabíamos que a articulação entre a Arte Educação contemporânea e questões de sexo, gênero e sexualidade a partir de uma perspectiva das dissidências sexuais e de gênero ou mesmo das identidades conhecidas como LGBTI+, sejam tímidas, ou talvez, desenvolvidas por alguns poucos pesquisadores e pesquisadoras. No Brasil essa articulação tem sido abordada, problematizada e terá um caráter propositivo a partir dos estudos de Belidson Dias (2005; 2011) que, possivelmente, desenvolveu a primeira pesquisa a articular Arte Educação e questões de gênero e sexualidade desde uma perspectiva *queer*. Dias afirma que na América do Norte a primeira tese sobre o tema foi a de Kenneth Honeychurch, no final dos anos 90, que articulou Arte Educação com a teoria *queer*. Dias aponta a emergência de uma pedagogia *queer* de arte “como instrumentos para mediação e agência da subjetividade *queer* em contextos transculturais” (2005, p. 286).

Pedagogias *queer* têm sido propostas por pesquisadoras(es) de outras áreas

do conhecimento, como é o caso da Berenice Bento (2011; 2017) e Guacira Lopes Louro (2001; 2018). No entanto, na Arte Educação e, especificamente, no ensino/aprendizagem das artes visuais, Belidson Dias é nossa principal referência, mesmo que ao longo dos últimos anos dissertações e teses estejam ampliando as proposições para a área, dando lugar ainda que desde uma perspectiva acadêmica e pouco se saiba sobre suas reverberações como mediadoras das práticas docentes e colaborando para o que estamos tratando como Arte Educação para uma educação dissidente.

Se queremos entender tanto a problemática do tema como de sua emergência, basta recordarmos o *Congresso de Ensino/Aprendizagem das Artes na América Latina: colonialismo e questões de gênero* proposto por Ana Mae Barbosa e realizado no SESC Vila Mariana em abril de 2019. Do conjunto de conferencistas e palestrantes apenas um tratou de articular a Arte Educação contemporânea com o ensino/aprendizagem das artes visuais e questões LGBTI+, abordando o seguinte tema: *Ensino/Aprendizagem das Artes Visuais na América Latina: colonialidade cultural e emocional aliada a questões LGBT* (COSTA, 2019).

Embora o congresso tenha sido de extrema importância por provocar o debate sobre as questões de gênero e sexualidade, podemos afirmar que ele também revelou que “muito pouco ou quase nada se avançou em assuntos de classe, gênero e sexualidade”. (DIAS, 2011, p. 29).

Qual a relevância de um dossiê que tem por tema Práticas Artísticas LGBTI+ para uma educação dissidente? Acreditamos que apontamentos para esta indagação encontram sua genealogia a partir das práticas artísticas contemporâneas dos anos 1960/1970, que passaram a tensionar a ausência de representatividade na história da arte, tendo as teorias críticas feministas (DIAS, 2011) um papel central nas artes visuais e seu ensino/aprendizagem.

As teorias críticas feministas, inicialmente nos Estados Unidos e Europa, colocam em tensionamento o próprio regime de visualidades que, fundamentado no cânone de um sistema da arte branco, heterossexual e machista, fortaleciam “a condição do homem em detrimento de praticamente todas as minorias relacionadas a gênero e sexualidade” (DIAS, 2005, p. 278).

Embora as práticas artísticas de artistas mulheres hoje sejam identificadas como concomitante a dos homens, infelizmente, a história da arte apagou, silenciou ou mesmo mortificou essas artistas. Podemos dizer que em relação às práticas artísticas das dissidências sexuais e de gênero nas artes visuais, a historiografia da arte, escrita por homens cis e heteronormativos, negou sua existência. Os estudos gays e lésbicos, somados aos estudos feministas dos anos 90, provocam rupturas nos estudos sobre gênero e sexualidade a partir da teoria *queer*. As práticas artísticas contemporâneas passam a tensionar o sistema da arte, bem como, os processos de ensino/aprendizagem das artes visuais, uma vez que o regime de representação do masculino, do feminino e das diversas sexualidades na arte contemporânea vai se constituir na “crítica da identidade que afeta e desloca as representações normativas de gênero e da sexualidade” (DIAS, 2005, p. 287).

Acreditamos que as práticas artísticas das dissidências sexuais e de gênero

estão provocando não apenas o como podemos aprender, mas a “aprender a desaprender”, como proposto por Mignolo (2008) desde uma abordagem decolonial. Esse aprender a desaprender, desde nosso ponto de vista, colabora para entendermos a necessidade de uma educação dissidente que problematiza a heterossexualidade “como uma imposição, como uma construção” (COLLING, 2011, p. 15) e que essa imposição e construção também têm sido reproduzidas por uma arte educação não dissidente; por um ensino de Arte/Artes Visuais não dissidente. Ao defendermos uma educação dissidente, estamos defendendo um ensino de Arte/Artes Visuais a partir das proposições de artistas/professoras(es)/pesquisadoras(es) dissidentes sexuais e de gênero.

Mas como podemos nos pensar professoras(es) de artes visuais dissidentes? A resposta não é simples, mas podemos apontar que aprender a desaprender seja a melhor estratégia para uma aprendizagem docente que repensa a organização do seu trabalho pedagógico, pelas escolhas que faz na abordagem dos conteúdos do componente curricular, pelas escolhas das(os) artistas que elege para leitura/interpretação em sala de aula e como referência para as(os) estudantes.

Ao mesmo tempo em que precisamos repensar que não existe um ideal de pessoa, ou seja, cada pessoa será heterossexual, lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual e intersexual a partir do seu contexto e como a partir dele vai construindo suas subjetividades, identidades e performatividades, sem que lhe seja imposto um modelo. As práticas educativas que se orientam por modelos são normativas, portanto, contraria ao que defende às práticas educativas dissidentes, pois uma educação dissidente opera a partir da compreensão de que é “no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe, etc.).” (LOURO, 2018, p. 13).

Uma educação dissidente não procura enquadrar as pessoas em modelos, normas, regras, contornos fixos. Ela se permite a criar estratégias para que todas as sexualidades e identidades de gênero se expressem, exponham seus pensamentos e defendam suas ideias a partir de seus modos de compreender os fatos e acontecimentos, as geografias, as culturas, as práticas religiosas, as economias, as práticas artísticas. Uma educação dissidente que encontra na pedagogia e no currículo *queer*, segundo Louro (2018), um quadro de referência no qual “a polarização heterossexual/homossexual seria questionada. Ao se analisar a mútua dependência dos polos, seria colocada em xeque a naturalização e a superioridade da heterossexualidade”. (LOURO, 2018, p. 45).

Essa pedagogia e seu currículo *queer*, propostos por Louro (2018), “falam” a todos e não se dirigem apenas àqueles ou àquelas que se reconhecem nessa posição-de-sujeito, isto é, como sujeitos *queer*”. (p.48). Ou seja, uma pedagogia que “sugere o questionamento, a desnaturalização e a incerteza como estratégias férteis e criativas para pensar qualquer dimensão da existência”. (LOURO, 2018, p. 48).

Nos identificamos em linhas gerais com a possibilidade de uma pedagogia e currículo *queer*, mas compreendemos que essa pedagogia esteja em construção.

Acreditamos que ademais das contribuições teóricas, se faça necessário saber, a partir das(os) artistas/professoras(es)/pesquisadoras(es) dissidentes sexuais e de gênero que estão atuando no componente curricular Arte/Artes Visuais, quais as abordagens teórico-metodológicas que orientam suas práticas docentes e se estas abordagens constituem a epistemologia da Arte Educação para uma educação dissidente.

Portanto, é urgente mapear as(os) artistas/professoras(es)/pesquisadoras(es) dissidentes sexuais e de gênero, assim como, suas referências e referencialidades próximas ou mesmo pertencentes a Arte Educação dissidente e ao ensino/aprendizagem das artes visuais dissidente.

Nesse sentido, no Brasil, observamos que o GPEACC/CNPq (Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos) do Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri – URCA (www.gpeacc), tem colaborado desde 2015 com a realização de pesquisas articulando práticas artísticas LGBTI+, formação inicial e continuada de professoras e professores de Arte/Artes Visuais e processos de ensino/aprendizagem em artes visuais. A primeira pesquisa realizada pelo grupo foi o Ensino de Artes Visuais e Escola sem Homofobia (2015-2018), posteriormente, foram desenvolvidas as seguintes pesquisas: *Gay Power*, Ensino de Artes Visuais e Utopias Pedagógicas na América Latina (2018-2020), *Artivismo LGBTI+ na América Latina e Utopias Pedagógicas* (2019-2020) e, atualmente, a pesquisa *Práticas Artísticas LGBTI+ nos Catálogos das Bienais de São Paulo* (2020-2022). Outra iniciativa do GPEACC em parceria com o NZINGA/CNPq (Novos Ziriguiduns Internacionais e Nacionais Gerados nas Artes Visuais), liderado pela pesquisadora Renata Felinto, também do Centro de Artes da URCA, tem sido a realização do *Seminário Internacional Arte, Gênero e Ensino – SIAGE*, que teve sua primeira edição em 2018.

Ao rever o que se tem feito em Espanha, detectamos que é o grupo CREARI da Universidade de Valência (GIUV2013-103) que durante um ano deu um importante avanço em relação às questões LGBTI+ no contexto da Arte Educação contemporânea. Embora as práticas *transmaricabollo* em termos de criação artística tenham uma trajetória importante em várias instituições universitárias espanholas, a verdade é que foi em 2014 que se deu o primeiro passo acadêmico importante para trazer as questões LGBTI+ para o campo da Arte Educação. Isso aconteceu graças à organização do *Congreso Internacional Educación Artística y Diversidad Sexual - EDADIS*, que promoveu a visibilidade dessas questões, o que é necessário para poder iniciar a pesquisa. Entre os resultados do congresso podem ser consultadas as monografias veiculadas nas revistas *Cuadernos de Pedagogía*, *Aula de Secundaria* e *Temps d'Educació*, além de um livro com o título do congresso publicado (Huerta e Alonso-Sanz, 2015). A partir dessa iniciativa, muitas vozes pudemos ouvir, e um movimento importante está se desenvolvendo em relação à preparação de dissertações de mestrado e teses de doutorado que analisam diferentes aspectos da realidade LGBTIQ na arte educação. Prova do impacto que essas iniciativas estão causando foi a celebração em 2020 da *XI Jornadas Internacionales de Investigación en Educación Artística* sob o título "*Transeducar: Feminismos e dissidências LGBT*" (www.uv.es/creari/transeducar) da qual participaram importantes nomes internacionais. Também

a publicação de livros (Huerta, 2016) e artigos em revistas (Navarro Espinach, 2019) está acelerando o interesse por esses temas, que agora não são mais tabus. Outra iniciativa que está conseguindo unir forças em relação à criação artística e aos processos educacionais na perspectiva LGBTI+ é a atuação do museu online Museari.com, que já conta com mais de setenta exposições de artistas de todo o mundo, para que professoras e professores possam levar para a sala de aula, em formato online, os trabalhos e processos artísticos que permitirão lidar com dissidentes sexuais e de gênero em sala de aula.

Com este horizonte, o dossiê que apresentamos oferece um primeiro panorama que justifica sua relevância abrigoando contribuições de diferentes contextos e abordagens como o artigo *Artes, Pornoerotismos e Identidades LGBTQIA+* do pesquisador Afonso Medeiros da Universidade Federal do Pará. O autor oferece uma importante e necessária reflexão sobre o pornoerotismo e sua articulação com “uma suposta “arte ou estética gay””, que segundo ele “passaria necessariamente pela representação ou apresentação de um corpo homoafetivo extremamente erotizado e, por isso, tornou-se invisibilizado ou dissimulado na narrativa hegemônica da história da arte”.

No artigo *Genealógica Foucaultiana e práticas artísticas dissidentes: um reolhar sobre parte da produção da Artivista Brenda Bazante*, a autora partindo do conceito de genealogia se propõe a refletir sobre sua prática artística e suas experiências educativas articuladas ao que entende como ativismo desde uma perspectiva transfeminista. O artigo de Brenda Bazante, estudante do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – UFPB/UFPE, dialoga com as estratégias educativas vivenciadas pelas autoras Erlane Rosa dos Santos e Clarissa Santos Silva da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB, no artigo *Transvisível: (in)visibilidades da população LGBTI+ na criação artística e sua abordagem pedagógica*, tendo por objetivo discutir “as dissidências de gênero a partir da experiência de exposições artísticas em espaços educacionais, através da inserção do trabalho Transvisível enquanto ferramenta pedagógica para a promoção do debate sobre sexualidade e gênero”.

Ainda no contexto das práticas educativas os pesquisadores João Paulo Baliscei e Cleberon Diego Gonçalves, da Universidade Estadual de Maringá – UEM, analisam no artigo *O “dia dos pais” inclui pais trans: masculinidades dissidentes e práticas artísticas LGTBTTQIA+*, as consequências dos ataques LGBTIfóbicos a campanha publicitária veiculada por uma empresa brasileira ao apresentar um homem trans como pai. Partindo do conceito de pesquisa em Arte articulam o tema e problemática a prática artística por eles experienciadas que resultou nos objetos *2018 d.C (2020)* e *Super pai (2020)*.

Vicente Monleón de València-Espanha, nos oferece uma importante análise sobre a LGBTIfobia nas artes audiovisuais (animações) produzidas pela Disney através do artigo *LGTBIQfobia audiovisual. La ocultación de colectivos sexualmente diversos en Disney*. O autor a partir de sua pesquisa defende que as ausências de personagens dissidentes sexuais e de gênero nas animações colaboram para que crianças sejam educadas de forma a se tornarem menos tolerantes e respeitosas com as diferenças.

Ainda do contexto espanhol, o artigo *Creación artística y cuestiones sobre género – sexualidad en la formación del profesorado*, do Lander Calvelhe da Universidad Pública de Navarra, apresenta os impactos provocados por uma educação dissidente na formação de professoras e professores tendo a experiência da prática artística como articuladora na relação entre gênero e sexualidades.

Dois artigos foram propostos para o dossiê que consideramos potentes por seus campos de análise, reflexões e contribuições para o debate sobre as práticas artísticas LGBTI+ e, como elas, articulam apontamentos para uma educação dissidente. No artigo *Vivência lesbiana em Cassandra Rios: Eu sou uma lésbica*, de Leila Pessoa Bechtold e Violeta Adelita Ribeiro Sutili, mestrandas do PPGAV-UFRGS/UFAM, que embora não tratem de uma artista visual e sim de uma escritora e de sua produção literária, consideramos relevante uma vez que Cassandra Rios (1932-2002), assumidamente lésbica foi pioneira na escrita sobre o erotismo de mulheres lésbicas e se tornou a escritora mais perseguida e censurada pela ditadura militar brasileira. Já o artigo *Os Efeitos Marginalizadores da Heteronormatividade em The Boys in the Band*, de Djalma Thürler e Duda Woyda do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que partindo da peça *The boys in the band* de Mart Crowley, se propõem a analisar “as subjetividades homossexuais pré-Stonewall, pré-fechação, pré-lacração”. Os autores oferecem uma abordagem que aponta para as instabilidades da política identitária e o papel do armário ou do segredo na vida de homossexuais masculinos.

Além dos excelentes artigos, o dossiê apresenta duas valiosas contribuições para a reflexão sobre as Práticas Artísticas LGBTI+ para uma educação dissidente a partir do ensaio fotográfico *Cuerpos diversos, Tetas Diversas. Acción artística para sensibilizaren igualdad de género y diversidad sexual a través de la cerámica*, desenvolvido por Amparo Alonso Sanz e Ricard Ramon da Universitat de València – Espanha, com estudantes do curso de formação de professoras e professores. O segundo ensaio e escrita de artista *3x4: revisitando memória e identidade*, Caio Villa de Lima, estudante da graduação da Universidade de Santa Catarina (UDESC), se propõe a construção de sua identidade bixa tendo como referencialidades imagens de arquivos de sua infância e adolescência.

Como organizadores entendemos que o dossiê é um primeiro resultado para pensarmos uma Arte Educação para uma educação dissidente, para uma educação dissidente e para uma Arte Educação contemporânea no Brasil, na Espanha e de outros contextos culturais.

Fábio José Rodrigues da Costa
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI – URCA

Ricardo Huerta
UNIVERSITAT DE VALÈNCIA - UV

Referências Bibliográficas

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidades e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. Florianópolis: Estudos Feministas, v. 19 (2), 2011.

COLLING, Leandro. (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?**. Salvador: EDUFBA, 2011.

COSTA, Fábio José Rodrigues da. **Ensino/Aprendizagem das Artes Visuais na América Latina: colonialidade cultural e emocional aliada a questões LGBT**. Porto Alegre: Revista GEARTE, v. 6, nº 2, 2019.

DIAS, Belidson. **O i/mundo da Educação da Cultura Visual**. Brasília: Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2011. 210 p. il.

DIAS, Belidson. Entre Arte/Educação multicultural, cultura visual e teoria *Queer*. In: BARBOSA, Ana Mae. (org.). **Arte/educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

HUERTA, R. Transeducar. **Arte, docencia y derechos LGTB**. Madrid: Egales, 2016.

HUERTA, R. y Alonso Sanz, A. **Educación artística y diversidad sexual**. Valencia: PUV, 2015.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação**. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, UFSC, v.9, nº.2, p. 541-553, 2001.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Rio de Janeiro: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324, 2008.

NAVARRO ESPINACH, G. (2019). **La Edad Media a través del cine: la Trilogía de la Vida de Pasolini**, EARI Educación Artística Revista de Investigación, 10, p. 286-302. DOI: <https://doi.org/10.7203/eari.10.14089>

Prácticas artísticas LGBTI+ para una educación disidente

Cuando recibimos la invitación de Jocielle Lampert y Fábio Wosniak para organizar este dossier, vimos la oportunidad de ampliar el debate sobre un tema poco explorado en el ámbito de la Educación Artística contemporánea en Brasil y en diferentes países, occidentales o no. El dossier propuso reunir a pensadores y pensadores que analicen las prácticas artísticas LGBTI + en las artes visuales, desde la pintura hasta la performance, por lo tanto, no elegir un lenguaje que constituya la única expresión de las formas de pensar / crear de los artistas. LGBTI +. Entendemos que estas prácticas artísticas son realizadas en lugares y épocas por artistas disidentes sexuales y de género, guiados por diferentes enfoques que desmantelan, tensan y provocan un debate sobre las relaciones entre el arte y las disidencias sexuales y de género, el arte y la política, arte y vida.

Otro objetivo fue visibilizar cómo estas prácticas artísticas están entrando en los contextos educativos formales e informales desde las iniciativas de docentes y docentes disidentes sexuales y de género y cómo piensan desde las prácticas artísticas LGBTI + una educación disidente, una educación artística disidente. Por tanto, potenciar la práctica de las artes y su impacto en la práctica educativa estableciendo un paralelo entre las diferentes prácticas, ya que la profesora de artes visuales también es una artista, de modo que su "obra artística" trascienda fronteras. desde espacios de arte tradicionales (museos, galerías) para transformar las aulas en espacios reales de investigación artística.

Si bien nuestro pensamiento giró hacia este tema, sabíamos que la articulación entre la Educación Artística contemporánea y las cuestiones de sexo, género y sexualidad desde una perspectiva de disidencias sexuales y de género o incluso identidades conocidas como LGBTI +, son tímidas, o quizás desarrollado por algunos investigadores. En Brasil, esta articulación ha sido abordada, problematizada y tendrá un carácter proposicional a partir de los estudios de Belidson Dias (2005; 2011), quien posiblemente desarrolló la primera investigación para articular la Educación Artística y las cuestiones de género y sexualidad desde una perspectiva queer. Dias afirma que en Norteamérica la primera tesis sobre el tema fue la de Kenneth Honeychurch, a finales de los 90, quien articuló Arte Educação con la teoría queer. Dias apunta al surgimiento de una pedagogía del arte queer "como instrumentos de mediación y agencia de la subjetividad queer en contextos transculturales" (2005, p. 286).

Las pedagogías queer han sido propuestas por investigadores de otras áreas del conocimiento, como Berenice Bento (2011; 2017) y Guacira Lopes Louro (2001; 2018). Sin embargo, en Educación Artística y, en concreto, en la enseñanza / aprendizaje de las artes visuales, Belidson Dias es nuestro principal referente, aunque en los últimos años las disertaciones y tesis han ido ampliando las propuestas para el área, cediendo, aunque desde una perspectiva académico y poco se sabe sobre sus repercusiones como mediadores de las prácticas docentes y contribuyendo a lo que estamos tratando como Educación Artística para una educación disidente.

Si queremos entender tanto el tema como su surgimiento, basta recordar el

Congreso de Enseñanza / Aprendizaje de las Artes en América Latina: colonialismo y cuestiones de género propuesto por Ana Mae Barbosa y celebrado en SESC Vila Mariana en abril de 2019. de conferencistas y ponentes, solo uno intentó articular la Educación Artística Contemporánea con la enseñanza / aprendizaje de artes visuales y temas LGBTI +, abordando el siguiente tema: Enseñanza / Aprendizaje de Artes Visuales en América Latina: colonialidad cultural y emocional combinada con temas LGBT (COSTA, 2019).

Si bien el congreso fue de suma importancia para suscitar el debate en temas de género y sexualidad, podemos decir que también reveló que “se ha logrado muy poco o casi nada en materia de clase, género y sexualidad”. (2011, pág.29).

¿Cuál es la relevancia de un dossier sobre Prácticas Artísticas LGBTI + para la educación disidente? Creemos que las notas para esta pregunta encuentran su genealogía a partir de prácticas artísticas contemporáneas de los años 60/70, que comenzaron a enfatizar la ausencia de representatividad en la historia del arte, con las teorías feministas críticas (DIAS, 2011) un papel central en las artes visuales. y su enseñanza / aprendizaje.

Las teorías feministas críticas, inicialmente en Estados Unidos y Europa, pusieron en tensión el propio régimen de visualidades que, basado en el canon de un sistema artístico blanco, heterosexual y sexista, fortaleció “la condición del hombre en detrimento de prácticamente todas las minorías afines al género y la sexualidad”(DIAS, 2005, p. 278).

Si bien las prácticas artísticas de las mujeres artistas hoy en día se identifican como concomitantes con las de los hombres, lamentablemente la historia del arte ha borrado, silenciado o incluso mortificado a estas artistas. Podemos decir que en relación con las prácticas artísticas de las disidencias sexuales y de género en las artes visuales, la historiografía del arte, escrita por hombres cis y heteronormativos, negaba su existencia. Los estudios sobre homosexuales y lesbianas, además de los estudios feministas en los años 90, causan interrupciones en los estudios de género y sexualidad basados en la teoría queer. Las prácticas artísticas contemporáneas comienzan a tensar el sistema del arte, así como los procesos de enseñanza / aprendizaje de las artes visuales, ya que el régimen de representación de lo masculino, lo femenino y las diversas sexualidades en el arte contemporáneo constituirá la “crítica” la identidad que afecta y desplaza las representaciones normativas de género y sexualidad” (DIAS, 2005, p. 287).

Creemos que las prácticas artísticas de las diferencias sexuales y de género están provocando no solo cómo podemos aprender, sino “aprender a desaprender”, como propone Mignolo (2008) desde un enfoque descolonial. Este aprender a desaprender, desde nuestro punto de vista, colabora para entender la necesidad de una educación disidente que problematice la heterosexualidad “como imposición, como construcción” (COLLING, 2011, p. 15) y que esta imposición y construcción también tiene sido reproducido por un arte educativo no disidente; para la enseñanza de Arte / Artes Visuales no disidente. Al defender una educación disidente, estamos defendiendo una enseñanza de Arte / Artes Visuales a partir de las propuestas de

artistas / docentes / investigadores disidentes sexuales / de género.

Pero ¿cómo podemos pensar en nosotros mismos como profesores disidentes de artes visuales? La respuesta no es sencilla, pero podemos señalar que aprender a desaprender es la mejor estrategia para enseñar un aprendizaje que replantea la organización de su trabajo pedagógico, por las elecciones que hace al abordar los contenidos del componente curricular, por las elecciones de los artistas que opta por la lectura / interpretación en el aula y como referencia para los alumnos.

Al mismo tiempo que necesitamos repensar que no existe el ideal de una persona, es decir, cada persona será heterosexual, lesbiana, gay, bisexual, travesti, transexual e intersexual desde su contexto y cómo construirán sus subjetividades, identidades. y performatividades, sin imponer un modelo. Las prácticas educativas que se guían por modelos son normativas, por tanto, contrariamente a lo que defienden las prácticas educativas disidentes, pues una educación disidente opera desde el entendimiento de que es "en el contexto de la cultura y la historia donde se definen las identidades sociales (todos ellos y no solo las identidades sexuales y de género, sino también las identidades de raza, nacionalidad, clase, etc.) ". (LOURO, 2018, pág.13).

Una educación disidente no busca encajar a las personas en modelos, normas, reglas, esquemas fijos. Se permite crear estrategias para que todas las sexualidades e identidades de género se expresen, expongan sus pensamientos y defiendan sus ideas en base a sus formas de entender hechos y eventos, geografías, culturas, prácticas religiosas, economías, prácticas artísticas. Una educación disidente que encuentra en la pedagogía y el currículum queer, según Louro (2018), un marco de referencia en el que "se cuestionaría la polarización heterosexual / homosexual. Al analizar la dependencia mutua de los polos, se pondría en jaque la naturalización y la superioridad de la heterosexualidad". (LOURO, 2018, pág.45).

Esta pedagogía y su currículum queer, propuesto por Louro (2018), "" hablan "a todos y no se dirigen solo a aquellos o quienes se reconocen en esta asignatura- posición, es decir, como sujetos queer". (pág. 48). Es decir, una pedagogía que "sugiere el cuestionamiento, la desnaturalización y la incertidumbre como estrategias fecundas y creativas para pensar en cualquier dimensión de la existencia". (LOURO, 2018, pág.48).

Nos identificamos ampliamente con la posibilidad de una pedagogía y un currículum queer, pero entendemos que esta pedagogía está en construcción. Creemos que además de los aportes teóricos, es necesario conocer, de los artistas / profesores (es) / investigadores (s) disidentes sexuales / de género que se encuentran trabajando en el componente curricular Arte / Artes Visuales, que son los teóricos- metodologías que orientan sus prácticas docentes y si estos enfoques constituyen la epistemología de la Educación Artística para una educación disidente.

Por tanto, es urgente mapear los artistas / profesores (investigadores) / investigadores sexuales y de género disidentes, así como sus referencias y referentes cercanos o incluso pertenecientes a la educación artística disidente y la enseñanza / aprendizaje disidente de las artes visuales.

En este sentido, en Brasil, observamos que el GPEACC / CNPq (Grupo de

Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos) del Centro de Artes de la Universidade Regional do Cariri - URCA, ha colaborado desde 2015 con la realización de investigaciones articulando prácticas artísticas LGBTI+, la formación inicial y continua de profesoras y profesores de arte / artes visuales y procesos de enseñanza / aprendizaje en artes visuales. La primera investigación realizada por el grupo fue la *Enseñanza de las Artes Visuales y Escuela sin Homofobia (2015-2018)*, posteriormente se desarrollaron las siguientes investigaciones: *Gay Power, Enseñanza de las Artes Visuales y Utopías Pedagógicas en América Latina (2018-2020)*, *Artivismo LGBTI+ en América Latina y Utopías Pedagógicas (2019-2020)* y, actualmente, la investigación *Prácticas Artísticas LGBTI+ en los Catálogos de las Bienais de São Paulo (2020-2022)*. Otra iniciativa de GPEACC en alianza con NZINGA/CNPq (Novos Ziriguiduns Internacionais e Nacionais Gerados nas Artes Visuais), liderada por la investigadora Renata Felinto, también del Centro de Artes/URCA, ha sido la realización del *Seminario Internacional Arte, Gênero e Ensino - SIAGE*, que tuvo su primera edición en 2018.

Al revisar lo realizado en España, detectamos que es el grupo CREARI de la Universitat de València (GIUV2013-103) que desde hace uno años realiza un importante avance en lo referido a cuestiones LGTB en educación artística. Si bien las prácticas transmaricabollo en cuestión de creación artística tienen una importante trayectoria en diversas instituciones universitarias españolas, lo cierto es que fue en 2014 cuando se dio el primer paso académico importante para llevar las cuestiones LGTB al terreno de la educación en artes. Esto ocurría gracias a la organización del Congreso Internacional Educación Artística y Diversidad Sexual EDADIS, que promovió la visibilidad de estos temas, algo que resulta necesario para poder iniciar las investigaciones. Entre los resultados del congreso se pueden consultar los monográficos que aparecieron en las revistas *Cuadernos de Pedagogía*, *Aula de Secundaria*, y *Temps d'Educació*, además de haberse publicado un libro con el título del congreso (Huerta y Alonso-Sanz, 2015). A partir de este pistoletazo inicial, han sido numerosas las voces que hemos podido escuchar, y se está gestando un importante movimiento en lo referido a la elaboración de trabajos fin de máster y tesis doctorales que analizan distintos aspectos de las realidades LGTBQ desde la educación artística. Una prueba del impacto que están causando estas novedades ha sido la celebración en 2020 de las XI Jornadas Internacionales de Investigación en Educación Artística bajo el título "Transeducar: Feminismos y disidencias LGTB" www.uv.es/creari/transeducar en las que han participado importantes figuras internacionales. También la publicación de libros (Huerta, 2016) y artículos en revistas (Navarro Espinach, 2019) está acelerando el interés por estas temáticas, que ahora ya han dejado de ser tabú. Otra iniciativa que está consiguiendo aunar esfuerzos en lo referido a creación artística y procesos educativos desde la óptica LGTB es la actividad del museo online Museari.com, que cuenta ya con más de setenta exposiciones de artistas de todo el mundo, para que el profesorado pueda llevar a las aulas, en formato online, las obras y procesos artísticos que permitirán tratar en clase las disidencias sexuales.

Con este horizonte en mente, el dossier que presentamos ofrece un primer panorama que justifica su relevancia, abrigando aportes de diferentes contextos y enfoques como el artículo Artes, pornoerotismos e identidades LGBTQIA + del

investigador Afonso Medeiros de la Universidade Federal do Pará. El autor ofrece una importante y necesaria reflexión. sobre el pornoerotismo y su articulación con “un supuesto” arte o estética gay”, que según él “pasaría necesariamente por la representación o presentación de un cuerpo homoafectivo extremadamente erotizado y, por tanto, se tornó invisible u oculto en la narrativa hegemónica de la historia “de arte.”

En el artículo Genealogía foucaultiana y prácticas artísticas disidentes: un vistazo a parte de la producción de la Artivista Brenda Bazante, la autora, partiendo del concepto de genealogía, propone reflexionar sobre su práctica artística y sus experiencias educativas articuladas con lo que ella entiende como activismo desde una perspectiva transfeminista. El artículo de Brenda Bazante, estudiante del Programa de Posgrado en Artes Visuales - UFPB / UFPE, dialoga con las estrategias educativas vividas por las autoras Erlane Rosa dos Santos y Clarissa Santos Silva de la Universidade Federal del Sul da Bahia - UFSB, en el artículo Transvisible : (in) visibilidad de la población LGBTI+ en la creación artística y su enfoque pedagógico, con el objetivo de discutir “las disidencias de género desde la experiencia de las exposiciones artísticas en los espacios educativos, a través de la inserción del trabajo Transvisible como herramienta pedagógica para promover el debate sobre la sexualidad y el género”.

Aún en el contexto de las prácticas educativas, los investigadores João Paulo Baliscei y Cleberson Diego Gonçalves, de la Universidade Estadual de Maringá - UEM, analizan en el artículo “El Día del Padre” incluye a los padres trans: masculinidades disidentes y prácticas artísticas LGBTIQIA+, las consecuencias de los ataques LGBTIfobias a la campaña publicitaria de una empresa brasileña que presenta a un hombre trans como padre. A partir del concepto de investigación en Arte, se articula la temática y la práctica artística problemática articulada por ellos que dio lugar a los objetos 2018 AD (2020) y Super pai (2020) articulados.

Vicente Monleón de València-España, nos ofrece un importante análisis sobre LGBTIfobia en las artes audiovisuales (animaciones) producido por Disney a través del artículo LGTBIfobia audiovisual. El ocultamiento de colectivos sexualmente diversos en Disney. A partir de su investigación, el autor sostiene que la ausencia de género y personajes disidentes de género en las animaciones colabora para que los niños sean educados para volverse menos tolerantes y respetuosos con las diferencias. Aún desde el contexto español, el artículo Creación artística y cuestiones sobre género - sexualidad en la formación del profesorado, de Lander Calvelhe de la Universidad Pública de Navarra, presenta los impactos provocados por la educación disidente en la formación de profesores con la experiencia de la práctica artística. como articulador en la relación entre género y sexualidades.

Para el dossier se propusieron dos artículos que consideramos potentes por sus campos de análisis, reflexiones y aportes al debate sobre las prácticas artísticas LGBTI+ y, como ellos, articulan notas para una educación disidente. En el artículo Experiencia lésbica en Cassandra Rios: Soy lesbiana, de Leila Pessoa Bechtold y Violeta Adelita Ribeiro Sutili, alumnas de maestría del PPGAV-UFRGS/UFAM, que, aunque no sea una artista visual sino escritora y su producción literaria, lo consideramos relevante ya que

Cassandra Ríos (1932-2002), reconocidamente lesbiana, fue pionera en escribir sobre el erotismo de las mujeres lesbianas y se convirtió en la escritora más perseguida y censurada por la dictadura militar brasileña. El artículo Los efectos marginales de la heteronormatividad en *The Boys in the Band*, de Djalma Thürler y Duda Woyda del Programa de Posgrado en Cultura y Sociedad de la Universidade Federal de Bahía (UFBA), que parte de la obra Los chicos de la banda de Mart Crowley, se propuso analizar “subjetividades homosexuales previas a Stonewall, pre-cierre, pre-sellado”. Los autores ofrecen un enfoque que apunta a las inestabilidades de las políticas de identidad y el papel del armario o secreto en la vida de los hombres homosexuales.

Además de los excelentes artículos, el dossier presenta dos valiosos aportes a la reflexión sobre Prácticas artísticas LGBTI + para una educación disidente a partir del ensayo fotográfico Cuerpos diversos, Tetas Diversas. Enfoque artístico para sensibilizar la igualdad de género y la diversidad sexual a través de la cerámica, desarrollado por Amparo Alonso Sanz y Ricard Ramon de la Universitat de València - España, con alumnos del curso de formación de profesores. El segundo ensayo y escritura de un artista 3x4: revisando la memoria y la identidad, Caio Villa de Lima, estudiante de grado de la Universidade de Santa Catarina (UDESC), propone la construcción de su propia identidad marica a partir de imágenes de archivos de su infancia y adolescencia.

Como organizadores entendemos que el dossier es un primer resultado para pensar en una Educación Artística para una educación disidente, para una educación disidente y para una Educación Artística contemporánea en Brasil, España y otros contextos culturales.

Fábio José Rodrigues da Costa
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI – URCA

Ricardo Huerta
UNIVERSITAT DE VALÈNCIA - UV

Referências Bibliográficas

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidades e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. Florianópolis: Estudos Feministas, v. 19 (2), 2011.

COLLING, Leandro. (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?**. Salvador: EDUFBA, 2011.

COSTA, Fábio José Rodrigues da. **Ensino/Aprendizagem das Artes Visuais na América Latina: colonialidade cultural e emocional aliada a questões LGBT**. Porto Alegre: Revista GEARTE, v. 6, nº 2, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/2357-9854.92908>

DIAS, Belidson. **O i/mundo da Educação da Cultura Visual**. Brasília: Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2011. 210 p. il.

DIAS, Belidson. Entre Arte/Educação multicultural, cultura visual e teoria Queer. In: BARBOSA, Ana Mae. (org.). **Arte/educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

HUERTA, R. Transeducar. **Arte, docencia y derechos LGTB**. Madrid: Egales, 2016.

HUERTA, R. y Alonso Sanz, A. **Educación artística y diversidad sexual**. Valencia: PUV, 2015.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação**. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, UFSC, v.9, nº.2, p. 541-553, 2001.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Rio de Janeiro: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324, 2008.

NAVARRO ESPINACH, G. (2019). **La Edad Media a través del cine: la Trilogía de la Vida de Pasolini**, EARI Educación Artística Revista de Investigación, 10, p. 286-302. DOI: <https://doi.org/10.7203/eari.10.14089>